Chico Buarque

Passagens: Alemanha, Brasil, França, Hungria, Itália

(1944 -)



Francisco Buarque de Holanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944, no seio de uma família profundamente ligada ao universo intelectual e artístico. Filho do historiador Sérgio Buarque de Holanda e da pianista Maria Amélia Cesário Alvim, cresceu em um ambiente permeado por livros, música, debates acadêmicos e interlocuções cosmopolitas. A infância dividida entre Rio de Janeiro e São Paulo foi atravessada por uma experiência fundamental: a mudança da família, em 1953, para Roma, onde seu pai lecionaria na Universidade de Roma. Essa vivência europeia, em plena formação, abriu-lhe os horizontes culturais, linguísticos e musicais, iniciando-o na posição do sujeito que se desloca — e observa o mundo desde esse deslocamento.

Seu retorno ao Brasil o reconduziu à paisagem cultural brasileira que fervilhava entre o samba urbano, o refinamento da bossa nova e a ebulição política dos anos 1960. João Gilberto, Noel Rosa e Ataufo Alves foram nomes decisivos em sua formação. Em 1966, Chico Buarque alcança projeção nacional ao vencer o Festival de Música Popular Brasileira com *A Banda* (1966). A consagração de público e crítica, entretanto, não anulou a densidade social que marcava seu trabalho desde *Pedro Pedreiro* (1966), cuja atmosfera cotidiana e lidimamente política revelava já a sensibilidade que o acompanharia ao longo das décadas.

A vida artística do autor se imbrica inevitavelmente com a história política do Brasil. Engajado nas mobilizações estudantis, participante da *Passeata dos Cem Mil*, seguiu

compondo músicas que desafiaram o regime militar até chegar à censura sistemática e à necessidade do autoexílio. Entre 1969 e 1970, viveu em Roma, onde sua produção se mesclou aos sentimentos de ausência, pertencimento suspenso e constante negociação entre a identidade pessoal e as contingências do exílio. Esse período seria decisivo para que a diáspora se transformasse não apenas em um marco biográfico, mas em uma pulsão estética que reorganizaria seu modo de ver o mundo, o Brasil e a si mesmo.

A partir do final da década de 1960, sua obra se diversifica: escreve peças teatrais como *Roda Viva* (1968) e *Gota d'Água* (1975), e, já nos anos 1990, inicia carreira literária, estreando com *Estorvo* (1991), seguido de *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite Derramado* (2009), *O Irmão Alemão* (2014) e *Bambino a Roma* (2024). Em 2019, recebe o Prêmio Camões, consolidando sua presença como uma das vozes literárias mais influentes da língua portuguesa. A partir desse panorama biográfico, delineia-se um artista cuja vida oscila entre o Brasil, Roma, Berlim, Budapeste e Paris — uma tessitura geográfica que sustenta e alimenta o modo como sua obra se oferece ao leitor e ao ouvinte.

A diáspora pessoal de Chico Buarque persiste com a necessidade de fugir da repressão militar brasileira. Não foi um exílio planejado, tampouco idealizado. Antes, uma retirada forçada, marcada pela saudade intensa do país que abandonava e pela experiência do estrangeiro que nunca se sente plenamente em casa. Stuart Hall (2003) descreve essa condição como a de quem é "dispersado para sempre de sua terra natal, mas mantendo vínculos fortes com as tradições de origem" (91). Essa posição de não-pertencimento total é expressa em *Samba de Orly* (1971):

Vai, meu irmão/ Pega esse avião/ Você tem razão de correr assim/ Desse frio, mas beija/ O meu Rio de Janeiro/ Antes que um aventureiro/ Lance mão. (Buarque 1971: 0:34)

A canção traduz uma tensão entre o desejo de retorno e o reconhecimento de que o exílio o alteraria irrevogavelmente. É o momento em que a identidade deixa de ser amarrada ao solo e passa a se constituir como negociação constante com o outro, com o tempo do outro.

Essa mesma tensão atravessa seu romance *Budapeste* (2003), cuja narrativa acompanha um

ghost-writer brasileiro fascinado pela língua húngara. Na Hungria, o deslocamento deixa de ser apenas político: torna-se ontológico. Ao se apaixonar pelo idioma, o narrador deixa que a língua estrangeira o reconstrua. Ele se torna, nas palavras de Salman Rushdie (via Hall 2003), um "homem traduzido" (92) — alguém que já não pode regressar ao estado anterior sem perder algo fundamental.

Essa experiência do estrangeiro, porém, não é marcada somente pela dor ou pela nostalgia. Ela possui, na poética buarquiana, uma dimensão de abertura. O sujeito exilado vê o mundo por meio de fraturas; mas justamente nessa fragmentação encontra novas possibilidades identitárias. O exílio político transforma-se, assim, em exílio estético — não como fuga, mas como reinvenção.

Ao longo dos anos 1980, Chico Buarque amplia seu olhar sobre a diáspora, ultrapassando a perspectiva estritamente pessoal. As lutas pela independência no continente africano, as tensões pós-coloniais e a atualização das identidades negras no Brasil tocaram de modo profundo sua produção. Nesse período surge *Morena de Angola* (1980), composta para Clara Nunes. Não se trata de uma canção folclorista ou meramente celebratória da cultura africana: é, como afirma a crítica, uma peça que inscreve a "crioulização" no cerne do Atlântico sul. Na canção, a protagonista se movimenta pela cidade como figura de força disruptiva, sensual, trabalhadora, ancestral:

Será que a morena cochila escutando
o cochicho do chocalho?
Será que desperta gingando
e já sai chocalhando pro trabalho? (Buarque 1980: 0:27)

A "Morena de Angola" é uma figura da diáspora atlântica: mistura, travessia, resistência e invenção. A personagem atrai, desloca, perturba — e assim opera o que Glissant (2021) chama de errância: uma deriva criadora que se recusa ao absolutismo da origem e assume a multiplicidade como força vital.

A diáspora, na obra de Chico Buarque, não se reduz ao deslocamento do indivíduo, mas

envolve também um olhar atento para a movimentação coletiva de corpos, línguas e práticas culturais. Essa sensibilidade reaparece nas canções *Diáspora* (2017) e *As Caravanas* (2017), em que a figura do migrante contemporâneo se torna elo de tensão entre os espaços da elite e da periferia, entre o litoral e o interior, entre o pertencimento e a rejeição. Ali, o artista diagnostica a persistência do conflito: a tentativa de expulsar o outro, o diferente, o "invasor" — tentativa que Stuart Hall (2003) identifica como uma das marcas da modernidade tardia.

Além da obra musical, os romances de Chico Buarque intensificam sua reflexão sobre a diáspora. *Budapeste* (2003) é um mergulho na subjetividade do sujeito traduzido. O narrador vive entre duas línguas, duas cidades, dois modos de nomear a realidade. Seu fascínio pela língua húngara, simbólica e literalmente, o reconstrói. No romance, a língua estrangeira não é obstáculo, mas moldura de renascimento: "A língua da minha amada é difícil, mas é minha segunda pele" (Buarque 2003: 103). Essa frase revela a dimensão íntima da diáspora: um corpo que encontra no outro idioma uma nova forma de existir.

Outro exemplo literário é *O Irmão Alemão* (2014). Nesse livro, Chico Buarque revisita uma história familiar — a descoberta, por seu pai, de um filho nascido de um relacionamento anterior na Alemanha. A narrativa acompanha a busca desse irmão desconhecido, revelando como a diáspora também se inscreve nos laços familiares: laços interrompidos, reconstruídos, imaginados. O passado que se perdeu na guerra reaparece como fantasma, e a busca do narrador constitui uma viagem interior que questiona a própria ideia de pertencimento.

Já durante os anos de ditadura, a diáspora adquire outra face, afinal a música de Chico Buarque foi marcada pelo jogo de metáforas, ironias finas e ambiguidades — uma escrita cifrada. Em outras palavras, a diáspora das palavras, que precisam fugir da censura e reencontrar seu sentido por caminhos desviados. Em *Apesar de Você* (1978), por exemplo, a resistência se coloca sob camadas de aparente leveza: "Você que inventou esse estado / E inventou de inventar / Toda a escuridão" (Buarque 1970: 0:33).

Essa citação é emblemática de uma estratégia que, embora não se refira diretamente ao

deslocamento geográfico, traduz a diáspora como tensão política: o sujeito expulso de sua própria pátria simbólica por um Estado que o impede de expressar-se.
As personagens de Chico Buarque — seja nas canções, seja nos romances — são seres fraturados, reconstituídos, movidos por trajetórias não lineares. Stuart Hall (2003) diria que são sujeitos "posicionados", e não "essencializados". Em sua poética, a identidade nunca é um ponto fixo, mas sempre um campo de forças, uma travessia.

A diáspora exige a substituição da lógica do "ou" pela lógica do "e". Não se trata de escolher pátria ou exílio, Brasil ou Europa, tradição ou modernidade, raiz ou rizoma. Trata-se de assumir a simultaneidade, a multiplicidade, a coexistência dos contrários. Chico Buarque, ao articular a experiência do exílio político com o hibridismo cultural afro-atlântico e com a errância identitária contemporânea, encarna essa possibilidade. Sua própria vida — dividida entre Brasil, Itália, França e outros lugares — testemunha essa recusa à identidade pura. Sua obra, igualmente, constrói uma estética que celebra a mistura, a indefinição, a transição. Como diz em *As Caravanas* (2017):

É um dia de real grandeza, tudo azul/ Um mar turquesa à la Istambul enchendo os olhos/ Um sol de torrar os miolos/ Quando pinta em Copacabana/ A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba/ A caravana do Irajá, o comboio da Penha/ Não há barreira que retenha esses estranhos/ Suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho/ A caminho do Jardim de Alá/ É o bicho, é o buchicho, é a charanga. (Buarque 2017: 0:18)

Esse trecho ilustra como Chico explora a ameaça que o outro representa aos imaginários identitários fixos — e como transforma essa ameaça em potência estética, ética e política.

A vida e a obra de Chico Buarque dialogam intimamente com os grandes temas da modernidade tardia: a fragmentação, a instabilidade das identidades, o trânsito cultural, a migração e o exílio. Seu autoexílio durante a ditadura não é apenas um fato histórico, mas um eixo interpretativo que lhe permite abordar outras diásporas — as africanas, as europeias, as linguísticas, as familiares, as simbólicas.

Sua poética da tradução — entendida tanto em sentido literal quanto metafórico — revela um

artista que se move entre fronteiras e que transforma esse movimento em matéria estética. A diáspora, em sua obra, não é lamentação, mas potência. É errância criadora: uma recusa do absolutismo da origem e uma celebração da multiplicidade. Em Chico Buarque, a identidade não é porto, mas travessia.

Sua contribuição para o pensamento cultural global reside justamente nisto: ele nos lembra de que a modernidade exige aprender a habitar o entrelugar. A diáspora, longe de ser um desvio, é condição constitutiva do sujeito: traduzido, múltiplo, híbrido, rizomático — e, sobretudo, livre para inventar-se na relação com o outro. Em suma, Chico Buarque não é apenas um cronista do Brasil: é um poeta da errância moderna.

Citações

Vai, meu irmão/ Pega esse avião/ Você tem razão de correr assim/ Desse frio, mas beija/ O meu Rio de Janeiro/ Antes que um aventureiro/ Lance mão. (*Samba de Orly*: 0:34)

Será que a morena cochila escutando
o cochicho do chocalho?
Será que desperta gingando
e já sai chocalhando pro trabalho?
(*Morena de Angola*: 0:27)

A língua da minha amada é difícil, mas é minha segunda pele.
(*Budapeste*:103)

Você que inventou esse estado / E inventou de inventar / Toda a escuridão. (*Apesar de você*: 0:33)

É um dia de real grandeza, tudo azul/ Um mar turquesa à la Istambul enchendo os olhos/ Um sol de torrar os miolos/ Quando pinta em Copacabana/ A caravana do Arará, do Caxangá, da Chatuba/ A caravana do Irajá, o comboio da Penha/ Não há barreira que retenha esses estranhos/ Suburbanos tipo muçulmanos do Jacarezinho/ A caminho do Jardim de Alá/ É o bicho, é o buchicho, é a charanga. (*As caravanas*: 0:18)

Bibliografia Ativa Selecionada

Buarque, C. (1966), *A Banda* [Canção]. In Chico Buarque de Hollanda vol. 1. RGE.
— (1966), *Pedro Pedreiro* [Canção]. In Chico Buarque de Hollanda vol. 1. RGE.
— (1968), *Roda-viva* [Peça de Teatro]. (José Celso Martinez Corrêa Dir.), Roberto Colossi Promoções Artísticas.
— (1971), *Samba de Orly* [Canção]. In Construção, Universal Music Group
— (1975), *Gota D'água* [Peça de Teatro].(Gianni Ratto Dir.), Gira pro Sol Produções.
— (1978), *Apesar de você* [Canção]. In Chico Buarque, PolyGram.
— (1980), *Morena de Angola* [Canção]. In Vida, Universal Music Ltda.
— (1991), *Estorvo*. São Paulo, Companhia das Letras.
— (1995), *Benjamim*. São Paulo, Companhia das Letras.
— (2003), *Budapeste*. São Paulo, Companhia das Letras.
— (2009), *Leite derramado*. São Paulo, Companhia das Letras.
— (2014), *O irmão alemão*. São Paulo, Companhia das Letras.
— (2017), *As caravanas* [Canção]. In Caravanas, Biscoito Fino.
— (2017), *Diáspora* [Canção]. In Caravanas, Biscoito Fino.
— (2024), *Bambino a Roma*. São Paulo, Companhia das Letras.

Bibliografia Crítica Selecionada

Glissant, É. (1997), *Poéticas da relação*. Rio de Janeiro, Editora Bazar do Tempo.

Hall, Stuart (2003), *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*, in Hall, Stuart, *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG.

Gilroy, Paul (2012), *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo, Editora 34.

Autor(a): **Gláucio Zani Alves** | ORCID

Citar

Gláucio Zani Alves, "Chico Buarque", *Diásporas em Português*, ISBN 978-989-35462-0-8, 28 de Fevereiro, 2026, https://diasporasemportugues.ilcml.com/glossary/chico-buarque/

Verbetes de Gláucio Zani Alves: Chico Buarque, Edimilson de Almeida Pereira, Nina Rizzi,